

A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

discursos de poder

Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia



A IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

discursos de poder

Exposição

Comissariado Científico
Susana Oliveira Jorge

Comissariado Executivo
Francisco Alves, Director do Museu
Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Isabel Silva, Directora do Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Rui Parreira, Direcção Regional de Évora do Instituto Português
do Património Arquitectónico e Arqueológico
Virgílio Hipólito Correia, Museu Monográfico
de Conímbriga

Assessoria Técnica
Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos
Museu Monográfico de Conímbriga
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Instituto Português de Museus:
Ana de Castro Henriques
Manuel Beirão Oleiro
Maria de Jesus Monge
Fernando Mota Carneiro
Constança Calado

Arquitectura
João Vieira Caldas
Carlos Severo

Maquetes
ARESTA, Design Serigrafia

Montagem
Coordenação
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes
Margarida Cunha
Rui Pedro
Helder de Sousa
Maria Luísa Sousa

Luminotecnia
Rui Silva Santos

Empreitada
Armando Fernandes,
Construção Civil, Lda.

Inventário e Gestão de Coleções
Coordenação
Maria José Albuquerque

Luís Filipe Antunes
Margarida Cunha
Rui Pedro
Maria Luísa Sousa

Restauro e Limpeza de Peças
Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Museu Monográfico de Conímbriga

Departamento de Arqueologia do IPPAR
Moisés Costa Campos
Margarida Santos
Maria Antónia Gonzalez Tinturé

Catálogo

Coordenação de Texto
Isabel Silva

Textos
Barbara Armbruster
José Morais Arnaud
Ana Margarida Arruda
António Martinho Baptista
Ana Maria S. Bettencourt
João Luís Cardoso
Domingos J. Cruz
Ana Maria Leite da Cunha
Teresa Judice Gamito
Mário Varela Gomes
Susana Oliveira Jorge
Vitor Oliveira Jorge
Philine Kalb
Michael Kunst
Miguel Lago
Jorge Oliveira
Rui Parreira
Maria de Jesus Sanches
Paula Mota Santos
João Carlos Senna-Martinez
António Manuel S. P. Silva
Carlos Tavares da Silva
Eduardo Jorge Lopes da Silva
Fernando A. Pereira da Silva
Joaquina Soares
António C. Valera
Raquel Vilaça

Fotografia
Arquivo Nacional de Fotografia

Coordenação
Vitória Mesquita
José Pessoa

Colaboração
Emília Tavares
Alexandra Ribeiro

Fotógrafo
José Pessoa

Assistido por
Luísa Oliveira
Sofia Ferrão
Luís Piorro
Alexandra Pessoa
Sofia Torrado
Alexandra Ribeiro
Élia Marques

Desenho
Artur Santos Leite
Vitor Oliveira Jorge

Coordenação de Edição
Isabel Cordeiro
Isabel Silva
Maria Amélia Fernandes

Design Gráfico
Luís Carrôlo

Colaboração
Cristina Pacheco

Pré-impresão
Dimencor

Impresão
Tipografia Peres

© Instituto Português de Museus
Museu Nacional de Arqueologia

1ª Edição, 1995, 1000 exemplares

ISBN-972-8137-19-2

Depósito Legal nº 87.228/95

As Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo

Entre 1958 e 1978, E. da Cunha Serão dedicou parte importante da sua actividade como arqueólogo à caracterização de um grupo de cerâmicas de características muito nítidas, não obstante até então desconhecidas, que ele próprio exumou na Lapa do Fumo, cavidade natural situada nos calcários do Jurássico dominando, de 190 m de altitude, a escarpada encosta meridional do prolongamento ocidental do maciço da Arrábida, cerca de 3km a WSW de Sesimbra (SERRÃO, 1958, 1959, 1960, 1962, 1964, 1968, 1970, 1975, 1978).

A exploração metódica da cavidade, iniciada em 1957, prolongou-se, embora intermitentemente, pelos anos seguintes. As observações estratigráficas então efectuadas, conquanto com limitações reconhecidas pelo escavador, permitiram, desde logo, situar tais cerâmicas com maior probabilidade na Idade do Bronze (SERRÃO, 1959, p. 343, 344). A importância desta descoberta justificou, difusão internacional adequada (SERRÃO, 1958).

Os fragmentos exumados na Lapa do Fumo são, na larga maioria, de diminutas dimensões, impossibilitando a reconstituição exacta dos recipientes, especialmente dos maiores. Trata-se de vasos de aprovisionamento, em geral de bojos bastante pronunciados e abertura larga, ou com carenas altas, isolando, por vezes de maneira pouco acentuada, bocais cilíndricos. Os fundos são planos. Possuem bons paralelos no sepulcro da Roça do Casal do Meio (SPINDLER et al., 1973/74, fig. 11). Os recipientes de pequenas dimensões correspondem, sobretudo, a taças carenadas, com bons paralelos no povoado de altura do Cabeço dos Moinhos - Mafra (VICENTE e ANDRADE, 1971). Uma forma muito rara é a de recipiente constituído por duas taças carenadas geminadas, cujo paralelo mais próximo provém do povoado do Bronze Final de Senhora da Guia - Baiões (FABIÃO, 1992, p. 94).

As pastas cerâmicas são predominantemente de textura fina a média, raramente grosseiras nos recipientes maiores. Como elementos não plásticos, avultam grãos de quartzo e de feldspato; excepcionalmente, ocorre a moscovite. Predominam colorações negras no núcleo e castanho-chocolate ou negras nas superfícies interna e externa.

Contudo, o elemento mais característico é a decoração. A técnica utilizada foi correctamente descrita, logo nos primeiros estudos (SER-

RÃO, 1958, 1959); consistiu na aplicação de uma ponta romba sobre as superfícies externa dos recipientes, depois de secas (talvez após uma pré-cozedura, como certas cerâmicas artesanais do Norte de Portugal), antes da cozedura final, produzindo-se assim pequenos sulcos, com brilho mais acentuado e de coloração mais escura do que a superfície primitiva sobre a qual foram efectuados. Assim, por exemplo, se a coloração da superfície primitiva se apresenta cinzenta, os sulcos produzidos são negros; se é castanho-clara, os sulcos apresentam-se castanho-escuros. As próprias superfícies eram previamente preparadas, através de cuidadoso alisamento e brunimento, recorrendo-se por vezes a seixos, cujas marcas são particularmente evidentes nos recipientes mais finos. É hoje incontroversa a integração das cerâmicas com ornatos brunidos no Bronze Final da Estremadura (SERRÃO, 1970). Qual a sua posição dentro deste período cultural, profundamente marcado pelas diversidades regionais observadas no nosso País? Na Tapada da Ajuda, o único povoado da baixa Estremadura suficientemente conhecido e publicado (CARDOSO et al., 1986) não se recolheu, entre milhares de fragmentos, um único destas cerâmicas. Sendo este arqueossítio situável, com máxima probabilidade, no século XIII a.C., como indicam as cinco análises radiocarbónicas efectuadas, depois de calibradas (CARDOSO, 1994), é de aceitar a existência de uma fase inicial do Bronze Final onde tais cerâmicas eram desconhecidas, hipótese já antes formulada (CARDOSO, 1990; GOMES, 1992). A ser assim, as cerâmicas com ornatos brunidos teriam aparecido mais tarde, prolongando-se até à generalização das cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a partir do século VIII a.C.. Tal sucessão tem, aliás, equivalente na Andaluzia, não obstante aqui os recipientes serem decorados no interior (TEJERA-GASPAR, 1980; BELÉN et al., 1982). Esta diferença, não dispicienda, leva-nos a considerar os exemplares estremenhos como pertencendo a um círculo cultural específico, como específicas desta região eram, também, as condicionantes económicas e sociais subjacentes à própria existência de qualquer identidade cultural.

Esta técnica decorativa, conquanto fosse já conhecida na Estremadura no decurso do Calcolítico inicial terá, talvez, na Idade do Bronze, origem sarda, cujas produções se situam entre os séculos XIII e X a.C. (FABIÃO, 1992, p.105). As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo, o primeiro e mais significativo conjunto até ao presente conhecido em Portugal, seriam, assim, expressão material do equivalente cultural estremenho do período proto-orientalizante da Andaluzia.

Qual o significado paletnológico da ocorrência de tais cerâmicas nesta gruta natural? Julgamos que a hipótese mais provável é a de lhes atribuir um significado ritual, correspondendo a deposições em santuário rupestre. Com efeito, tal hipótese parece ser a mais adequada aos elementos recolhidos, onde abundam tais fragmentos em detrimento de restos humanos, tornando pouco credível hipótese alternativa, a de corresponderem a oferendas fúnebres. Em outras grutas naturais da região, como a do Correio-Mor, Loures (CARDOSO et al., no prelo), é também esta a situação observada: aos abundantes fragmentos de cerâmicas de ornatos brunidos, contrapõe-se ausência de materiais antropológicos, afastando a hipótese de se tratar de necrópole, a menos que estas fossem de incineração, em urna, hipótese que, embora carecendo de demonstração, não é de todo improvável.

CARDOSO, J. L.

64 Lapa do Fumo Fragmentos de cerâmica de ornatos brunidos

Bronze Final
Lapa do Fumo, Sesimbra, Setúbal

Fragmento de taça carenada, de carena alta, de tamanho médio e paredes muito finas. Brunida nas faces interna e externa, esta com decoração de ornatos brunidos, tanto acima como abaixo da carena, sublinhada por ressalto proeminente, também decorado pela mesma técnica.

52 x 55 mm

Fragmento de grande vaso de colo carenado (vaso de armazenamento) com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à parte superior do bojo.

99 x 104 mm

Taça dupla, obtida pela geminação de duas taças carenadas; carena externa adoçada, inexistente do lado interno. Decoração de ornatos brunidos na face externa, acima e abaixo da carena.

111 x 79 mm

Fragmento de grande vaso (de armazenagem) de colo adoçado com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à parte superior do bojo.

111 x 96 mm

Fragmento de grande vaso (de armazenagem) com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à porção do bojo.

140 x 147 mm

Fragmento de grande vaso (de armazenagem) com decoração de ornatos brunidos na face externa, correspondente à porção do bojo.

76 x 104 mm

Fragmento de vaso de colo alto, vertical, correspondendo a porção deste, incluindo parte do bordo, com decoração de ornatos brunidos na face externa. Bordo simples sem espessamento. Desconhece-se o desenvolvimento do bojo, pelo que a forma não é reconstituível.

67 x 37 mm

Fragmento de vaso de colo alto, com decoração de ornatos brunidos na face externa.

80 x 54 mm

Fragmento de grande taça de carena alta, muito pronunciada na face externa, quase insensível na interna, ostentando decoração de ornatos brunidos abaixo da carena. O espaço acima desta, e até ao bordo, encontra-se totalmente brunido conferindo brilho metálico aquela superfície.

110 x 54 mm

Bibl.: Serrão 1958, 1959, 1970, 1978, 1994;
Cardoso, 1994
Museu Municipal de Sesimbra
Cardoso, J. L

65 Arcos de Valdevez Vasos (2)

Bronze Final
Objecto funerário (?)
Arcos de Valdevez, Viana do Castelo
Cerâmica

Vasos esféricos, com asa, de largo bordo horizontal decorado com incisões.

75 x 102; d.163; 78 x 111; d.180 mm
Museu Nacional de Arqueologia

